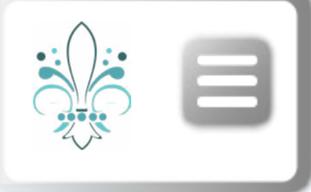


Literatura e Ensino

Sumário

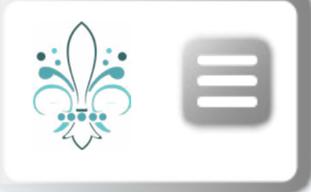
- 1. Experiência, leitura literária e formação de leitor
- 2. A voz do professor e a construção dos sentidos do texto literário
- 3. Documentos oficiais e Literatura
- 4. Textos literários: leituras possíveis
 - 4.1 Contos de fadas
 - 4.2 Chapeuzinho Amarelo e intertextualidade
 - 4.3 Literatura e diversidade em sala de aula
 - 4.4 Romance Juvenil Contemporâneo
 - 4.5 A Poesia em sala de aula
- 5. Estratégias de Leitura
- Referências



1. Experiência, leitura literária e formação de leitor

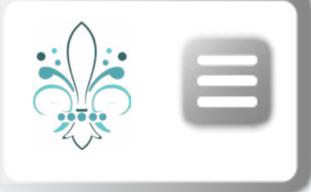
Para mim o livro é vida; desde que eu era muito pequena, os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava um no outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois decifrando palavras. Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntima a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação. Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava. Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava. Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar. (Mensagem de Lygia Bojunga para o Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil, traduzida e divulgada nos 64 países membros do IBBY).

Os primeiros livros que tive nas mãos foram os escolares, o que não chega a ser grande novidade para quem passou a infância no interior do Paraná, região onde importava menos participar da cultura universal do que desbravar uma terra que não dava descanso aos homens. Livro não era artigo muito comum na Peabiru dos anos 70 e muito menos na minha família,



com forte tendência para a vida prática. Analfabeto, meu pai não poderia ter me legado nenhum livro, e morreu antes de eu entrar na escola. Meu padrasto, comerciante pobre e extremamente apegado ao dinheiro, com o primário incompleto, tinha uma relação meramente monetária com o papel (SANCHES NETO, 2004, p. 9).

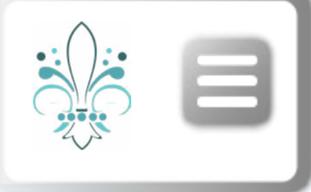
As citações acima, de dois escritores consagrados da Literatura Brasileira, ilustram, de modos diferentes, a experiência que cada um teve com os livros, a leitura e a literatura. Lygia Bojunga Nunes, conhecida por sua produção literária voltada ao público infantil e juvenil, destaca o papel que o livro teve em sua vida. A escritora afirma que desde muito pequena teve contato com livros: “Desde que eu era muito pequena, os livros me deram casa e comida”. Além de ser vida, para ela, os livros lhe davam proteção e alimento, já desde o início do contato com eles. A autora ilustra por meio de metáforas da construção, tijolos, degrau, telhado, casa, comida, entre outros, o quanto o livro fora um objeto de companhia e morada ao longo da sua infância. Mas não só isso, a autora enfatiza o quanto os livros impulsionam seus leitores para a vida, a deles e as de outras pessoas, lhe dando abrigo, sendo amparo, companhia, com quem se cria afeto e a sensação de não se estar sozinho, afinal, são muitas histórias, personagens, acontecimentos, lugares, objetos para os quais é preciso conhecer, imaginar e sonhar. Lygia Bojunga afirma que de tanto ler, acabou se tornando escritora! Falar sobre a experiência com as obras literárias é bem importante. Por meio desse compartilhamento de experiências, é possível pensar como ocorreu a formação desse leitor literário. Há estudos cada vez mais comuns que abordam essa perspectiva da experiência de escritores



com a leitura do texto literário: o que liam, onde tinham contato com as obras, por quem eram incentivados, se frequentavam bibliotecas escolares ou públicas, dentre outras questões. Todas essas informações são importantes, inclusive, para que, na atualidade, se pense sobre as políticas públicas voltadas à leitura do texto literário.

O escritor paranaense Miguel Sanches Neto, por sua vez, expõe um ponto de vista mais social, lembrando que muitas pessoas não têm acesso ao livro de literatura e que o primeiro contato com o objeto livro é por meio do livro didático, distribuído nas escolas. Crianças sem recursos para as condições básicas de vida não possuem meios para comprar livros, uma estante ou uma biblioteca. Aliás, cita-se uma conferência assistida na V Jornada de Literatura e Educação, realizada na USP, em 2022, em que a professora Ana Crélia Dias afirma que poucas pessoas, no Brasil, herdam ou têm uma biblioteca: nem sequer se herda uma estante com livros, o que evidenciaria uma cultura da leitura na família, com pais e irmãos leitores. O contexto brasileiro, está mais para o que atesta o excerto de Miguel Sanches Neto, em que o contato com os livros ocorre por meio dos livros e materiais didáticos distribuídos nas escolas. Por isso, também é importante que o professor tenha cuidado e valorize esse material, pois, por mais que haja críticas e se idealize um outro Livro Didático, ele é, para muitas pessoas, o único livro que possuirão.

Observar o que dizem os grandes escritores sobre o texto literário é bastante interessante, pois por meio de suas experiências é possível pensar, inclusive, em Políticas Públicas para a leitura do texto literário. As experiências dos escritores

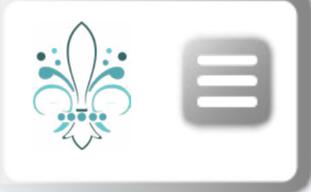


ajudam a compreender quem são os facilitadores/mediadores de leitura, lugares que frequentaram etc. Nas obras que tratam sobre leitura, há uma variedade bem grande de possibilidades, a mediação feita por meio de um membro da família – a prima Emília (Graciliano Ramos) até tios analfabetos que folheavam livros (Miguel Sanches Neto), conforme os excertos seguintes:

Era necessário que a priminha lesse comigo o romance e me auxiliasse na decifração dele. Emília respondeu com uma pergunta que me espantou. Por que não me arriscaria a tentar a leitura sozinho? Longamente lhe expus a minha fraqueza mental, a impossibilidade de compreender as palavras difíceis, sobretudo na ordem terrível em que juntavam [...]. Emília combateu a minha convicção, falou-me dos astrônomos, indivíduos que liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu [...] E tomei coragem, fui esconder-me no quintal, com lobos, o homem, a mulher, os pequenos, a tempestade na floresta, a cabana do lenhador (RAMOS, *apud* Silva, 2013, p. 55)

13. [...]Meu tio não sabia ler mas lia./Foi o grande exemplo pra minha/futura carreira de leitor/esse tio analfabeto e louco./E meu tio lia jornais amarelados/Recusando-se a estar informado,/Queria apenas o divino gosto/De desenterrar o que estava morto./É a ele que devo este vício/De não me interessar pelas notícias,/De buscar nos jornais apenas/Aquilo que pode ser perene (SANCHES NETO, 2005, p. 27).

Por meio do exemplo da formação desses leitores – grandes escritores – do sentido que o livro teve na sua vida, é uma possibilidade para o professor compreender como ocorre o processo de formação de leitores. O livro precisa circular

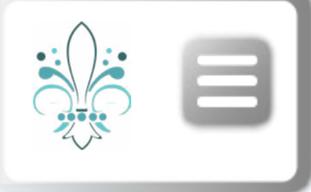


em muitos lugares para que o hábito da leitura se torne perene. Contudo, não se pode negar que o trabalho do texto literário, em sala de aula, é fundamental. Cabe ao professor criar estratégias de leitura para atrair a atenção do aluno para esse produto da cultura que é o livro, que são as histórias, que por ser um produto cultural, fala muito de cada um. Nesse próximo excerto, Miguel Sanches Neto esclarece o que muitos alunos buscam: uma ultrapassagem cultural

O que os educadores não sabem é que muitos dos alunos continuam querendo uma ultrapassagem cultural de seu mundo e não apenas uma pequena melhoria econômica. Fui um desses pardais que sonhavam com alturas e não com migalhas caídas no chão. E o lugar onde pude exercer este projeto foi a biblioteca pública. Nela, não havia conteúdos predefinidos, nem o desejo de me moldar (SANCHES NETO, 2004, p. 17).

Cabe aos professores assumir a responsabilidade de formar leitores, que leitura do texto literário não é perda de tempo, mas conteúdo curricular e que cabe a eles ler e analisar os textos de literatura em sala de aula, como o fazem com os conteúdos gramaticais ou gêneros textuais.

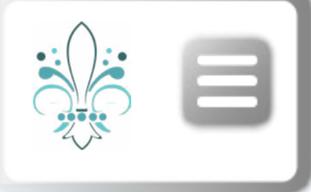
Do mesmo modo, no excerto acima, observa-se o quanto a biblioteca pública exerceu um papel importante na formação do leitor. Nesse espaço, o narrador se sente livre para buscar as leituras, os livros, imaginar e ir a outros lugares. No excerto seguinte, Miguel Sanches Neto reforça ainda mais o papel da biblioteca na sua experiência com o texto literário:



Podia eleger o tipo de leitura, e fiz isso sem nenhum método, porque a biblioteca me permitia ser sujeito de minhas escolhas, mesmo que eles recaíssem sobre livros e autores errados. Nunca me senti tão independente como dentro de uma biblioteca pública, percorrendo ao acaso prateleiras e descobrindo livros sobre os quais não tinha nenhuma informação. Se o saber escolar chegava formatado (refletindo preconceitos didáticos), a biblioteca era o espaço livre e não-solicitante. Muitas vezes, eu apenas caminhava entre os livros, vendo capas e deixando passar o tempo (SANCHES NETO, 2004, p. 18).

É importante o professor estar atento e se responsabilizar pelo trabalho com a literatura, buscar formação, pesquisar o que é realizado em outras escolas, em outros lugares, para que garanta ao aluno o aprendizado. Fez-se questão de trazer um escritor paranaense entre os exemplos do texto aqui redigido, justamente pela importância de se trabalhar com escritores próximos dos alunos, o que os encoraja a escrever, a perceber que para eles também é possível gostar de ler, escrever e se tornarem escritores.

Escritor Miguel Sanches Neto. Nascido em Bela Vista do Paraíso, Paraná. Possui mais de 40 obras publicadas entre romances, poemas e contos. Recebeu vários prêmios dentre eles, Prêmio Nacional Luis Delfino (1991), Cruz e Sousa (2002), Binacional das Artes Brasil-Argentina (2005). Atualmente é reitor da UEPG, na cidade de Ponta Grossa.



Dentre suas principais obras, estão: *Chove sobre minha infância* (2000), *Um amor anarquista* (2005), *Chá das cinco com o vampiro* (2010), *A máquina de madeira* (2012), *A segunda pátria* (2015) e *Inventar um avô* (2023)

Vídeo em que Miguel Sanches Neto fala um pouco da sua trajetória de formação de leitor:

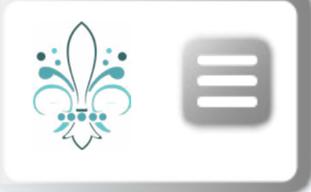


Miguel Sanches Neto - Sujeitos Leitores

Caso tenha mais interesse sobre a obra de Miguel Sanches Neto e a experiência de leitura do texto literário, segue o texto “Experiência e leitura do texto literário na obra de Miguel Sanches Neto.



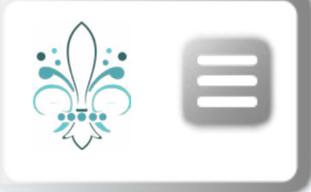
Experiência e leitura do texto literário na obra de Miguel Sanches Neto



2. A voz do professor e a construção dos sentidos do texto literário

Ler em voz alta um texto literário implica conhecê-lo e fazer escolhas em relação à certas nuances que encaminharão a interpretação. É possível fazer uma leitura interpretada, de caráter mais teatral, mas não é essa a forma imprescindível. Necessário, ao planejar a leitura oral, é pensar o contexto em que ela será realizada, afinal o público a que se destina, o objetivo da realização e os espaços em que se dará são variáveis a serem levadas em conta (DIAS, 2016)

Este excerto é extraído do artigo intitulado “Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido”, publicado em 2016, pela professora da UFRJ, Ana Crélia Dias. A professora Ana Crélia Dias é uma estudiosa na área de Literatura e Educação e aborda bastante a respeito da voz do professor em sala de aula. A professora defende a importância de se fazer a leitura do texto literário em voz alta em sala de aula, segundo ela, para que os alunos façam as interpretações e que cada um construa por si os sentidos dos texto. Ana Crélia Dias defende que é necessário o professor não considerar somente a própria interpretação, mas ouvir os alunos e como o texto faz sentido para eles. A professora defende uma postura dialógica em que a troca, o diálogo e a compreensão em todos os sujeitos sejam levados em consideração. A pesquisadora acredita e defende que a voz do professor não é somente uma compreensão sonora, mas a maneira como ele conduz as



aulas, como se posiciona diante do texto literário: se demonstra gostar do texto, se tem afinidade com ele, se valoriza a leitura, a análise e a troca com os alunos em relação aos sentidos possíveis de serem compreendidos.

A construção dos sentidos do texto ocorre por meio da coletividade, de tudo o que os alunos trazem como possibilidades de leitura e interpretação e não uma análise que venha desse lugar de professor e que somente ele que sabe. Logicamente, cabe ao professor apresentar aos alunos uma leitura mais técnica, é dele essa obrigação, mas não deve desconsiderar o que os sujeitos que fazem parte da aula apontam como sentidos do texto.

Para saber mais sobre a leitura do texto em sala, ler o artigo “Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido” (2016), da professora da UFRJ, Dra. Ana Crélia Dias.

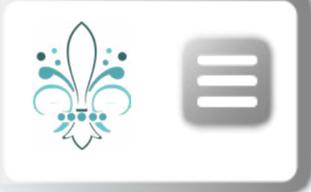


Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido

Vídeo Entrevista sobre leitura e formação de leitores com a professora Dra. Ana Crélia Dias:

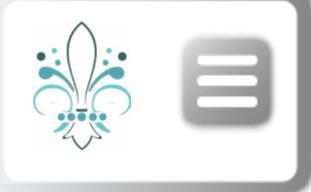


Entrevista com Professora Ana Crélia Penha Dias



3. Documentos oficiais e Literatura

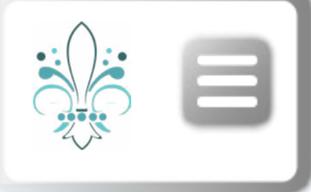
Na entrevista acima, a professora Dra. Ana Crélia Dias fala sobre o espaço escanteado que a Literatura recebeu nos Documentos Oficiais, no Brasil. Segundo a pesquisadora, houve uma série de críticas sobre o pequeno espaço que a Literatura ocupou nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), aponta uma espécie de falha no documento e afirma que entre os revisores dos documentos não há especialistas da área, responsáveis pela colaboração na construção dos PCNs. A professora, contudo, afirma que até 2005, ninguém – especialistas da área da Literatura – queria se envolver com a elaboração dos documentos oficiais. Em um curso de licenciatura, é fundamental que se pense sobre a Educação Básica pois, só assim, os alunos das Licenciaturas sairão preparados para trabalhar com Ensino Fundamental e Ensino Médio. Para a professora Ana Crélia Dias e outros pesquisadores da área de Literatura e Ensino, o afastamento entre o aluno e o texto de literatura acontece no Ensino Fundamental II, fase em que a ênfase da disciplina de Língua Portuguesa é o estudo dos gêneros textuais. Conforme já abordado em outro momento da disciplina Literatura e Ensino, a Literatura não pertence ao estudo dos gêneros literários, ela é um gênero literário e como tal ser ensinada.



Foca-se aqui a *Base Nacional Comum Curricular - BNCC*, homologada em 2018. Como o próprio título do documento evidencia, a Base é a criação de um currículo comum a todos os brasileiros. Em se tratando da Literatura, a pesquisadora Sarah Ipiranga afirma que, no documento, a área mais uma vez não recebeu o espaço merecido. Segundo as palavras da pesquisadora:

Das quase 600 páginas do documento da BNCC, quatro são dedicadas à literatura, o que evidencia o papel menor que vem sendo dado ao seu ensino desde 1999. Entre recomendações de como preparar e formar o leitor, num processo contínuo de educação literária, a BNCC apresenta questões gerais, certamente importantes, no entanto se exime de construir uma lista mínima de conteúdos (IPIRANGA, 2019, p. 106).

O objetivo com essa seção é atrair a atenção dos alunos do curso de Letras, em relação aos documentos oficiais e o espaço que a literatura ocupa neles. O pequeno espaço destinado à área, diz sobre o espaço que a Literatura ocupa ou como é valorizada no país. Conforme afirma Ana Crélia Dias (2022), nas escolas da elite ninguém precisa exigir ou explicar o porquê está ensinando literatura, arte, filosofia e sociologia. Isto é, para a classe privilegiada esses conteúdos sempre fizeram parte do processo natural, a eles sempre foi garantido o direito de ter acesso e estudar Literatura.



O professor da Língua Portuguesa, responsável por também ensinar Literatura na Educação Básica, ao ter clareza dessas questões, deve garantir o ensino do texto literário, conforme o documento vigente. Em relação à maneira como a Literatura aparece na BNCC, Ipiranga afirma:

Na apresentação inicial do campo artístico-literário, no qual o ensino de literatura se inclui, a BNCC apresenta como indicativo de percurso uma perspectiva generalista: [...] busca-se a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral (BRASIL, 2018, p. 495). Com essa introdução, o documento deixa explícito que a literatura é uma arte entre outras, por isso deve ser estudada em diálogo com as práticas de linguagem, das quais não se dissocia. Essa posição acompanha uma mudança substancial nos modos de apreensão do literário, compreendido agora como extensão de um discurso social 'moderno', que concebe o uso democratizado da leitura, livre de diretrizes formativas e exercida sobre todo tipo de textos (COLOMER, 2007, p. 23). Assim, há uma equalização entre os textos, sendo o literário uma das expressões entre outras (IPIRANGA, 2019, p. 108).

Essa nova compreensão, em que o texto literário é uma das expressões artísticas da cultura, coloca a Literatura, mais uma vez, em um lugar menor dentro do documento, o que faz que o trabalho com o literário fique pulverizado dentro do estudo de outras expressões artísticas. É fundamental ter clareza da necessidade do trabalho com a leitura do texto literário.



Em ensaio intitulado *A literatura para o Ensino Médio e a BNNC: possibilidades de leituras* (2021), apresenta-se uma sugestão de proposta pedagógica com uma comparação entre os contos “O tamanho do mundo”, de Miguel Sanches Neto e “Umas Férias”, de Machado de Assis.



A literatura para o Ensino Médio e a BNNC: possibilidades de leituras

Além das duas narrativas, é viável uma comparação com o curta-metragem produzido e baseado na narrativa do escritor paranaense, também intitulado *O tamanho do mundo* (2013), produzido por Marcus Werneck.



Curta metragem Tamanho do Mundo



4. Textos literários: leituras possíveis

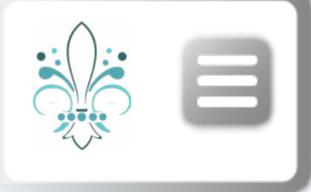
Nesta seção, apresenta-se algumas sugestões de textos literários para serem trabalhados em sala de aula, considerando-os fundamentais para a formação do leitor literário.

4.1 Contos de fadas

Contos de fadas são textos que originalmente pertenciam ao folclore, eram histórias repassadas via oralidade. Na Alemanha, os Irmãos Grimm catalogaram e sistematizaram esses contos, posteriormente, histórias como *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve* e *A Gata Borralheira*, dentre outras, se tornaram populares no mundo todo.

Essas histórias despertaram o interesse de inúmeros estudiosos de todos os tempos e são considerados textos fundamentais da cultura e que trazem à baila temas e assuntos que mexem com o inconsciente coletivo. Deste modo, é interessante trabalhar com contos de fadas em sala de aula, independente da série ou idade dos alunos. O que difere quando o texto for trabalhado, é a análise e abordagem que se fará posteriormente à leitura.

No livro *Tradição, estética e palavra na literatura infanto juvenil* (1996), no primeiro capítulo as autoras discutem a condição feminina nos contos de fadas *Chapeuzinho Vermelho*, na versão de Charles Perrault e na versão dos Irmãos Grimm. Em cada época, a mulher e os espaço familiar são representados de uma maneira. Segundo

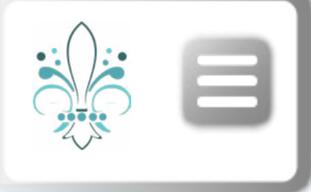


as autoras, “O Chapeuzinho Vermelho, de Perrault, nega à menina uma segunda oportunidade, postura que coaduna com a rígida moral da burguesia nascente que pune a transgressão com a danação” (ZANCHET, FORTES E LOTTERMANN, 1996, p. 17). Deste modo, é fundamental trabalhar com contos de fadas em sala de aula, mostrar para os alunos as mudanças que ocorrem nas narrativas ao longo do tempo, compará-las com versões do tempo presente e refletir sobre as condições de cada época.

4.2 Chapeuzinho Amarelo e intertextualidade

Um dos livros mais emblemáticos da literatura infanto no Brasil é a obra *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Publicado em 1979, o livro conta com ilustrações de Ziraldo. É interessante observar que este livro estabelece um diálogo com o conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*. Em *Chapeuzinho Amarelo* a condição feminina também é um elemento vital na constituição do livro. Contudo, a menina do século XX, enfrenta seus medos e subverte aquilo que lhe é imposto, ela não se sujeita à vontade masculina, antes a despreza e este passa de lobo a um bolo, o que denota um mecanismo para enfrentar os medos, principalmente aqueles que lhe são impostos. O medo paralisa? *Chapeuzinho Amarelo* auxilia a aprender a lidar com os medos, os reais e os imaginários.

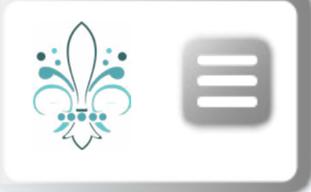
As ilustrações de Ziraldo são belíssimas e contribuem bastante para a ampliação dos sentidos do texto literário. Outra questão deste conto é que a mudança na personagem ocorre a partir do momento que se apropria do chapéu, um objeto



conhecido por pertencer ao universo masculino. Quando a menina começa a usar o chapéu amarelo, há uma mudança de postura e comportamento, é como se ela fosse adquirindo uma maturidade que não possuía antes e então, passa a não temer. Ao final da obra, a menina subverte seus medos e inclusive brinca com eles: gãondra é o dragão, jacoru é coruja, pão-bichopa é o bicho-papão etc.

É interessante observar que este livro foi escrito durante o período de ditadura militar em que a liberdade era cerceada e a cultura do medo imposta. Outro elemento importante de ser observado na análise é a cor. O amarelo não aparece de maneira impensada na obra, o escritor se vale dessa cor para criar todo um sentido.

Lembrando que, conforme mencionado anteriormente é necessário ler o livro com os alunos, discutir os sentidos coletivamente, enfatizar a leitura das ilustrações. Posteriormente, sugere-se que conversar sobre os medos que paralisam, pedindo que exponham esse medo, o motivo dele, se há algum acontecimento que a pessoa lembra que o desperta. Após esse diálogo, os alunos escrevem seus medos em uma folha para superá-los como fez a Chapeuzinho Amarelo e depois compartilhar com a turma o resultado dessa reescrita. Solicita-se, ainda, aos alunos que criem um chapéu que gostariam de usar se tivessem a oportunidade de ser como a personagem de Chico Buarque. Podem dar um nome a este chapéu, compartilhar com os colegas e depois organizar uma exposição no mural da escola.



Uma das maiores lições da obra, com certeza é a cena em que a menina está brincando com outras crianças de amarelinha e o final do jogo é a lua, interpretável como: o lugar da mulher é onde ela quiser e as possibilidades de conquistas são infinitas.

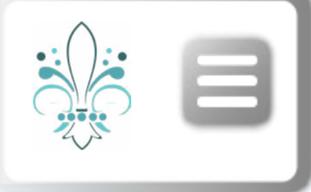
Outra possibilidade interessante de trabalho com o livro é comparar a versões de *Chapeuzinho Vermelho* a fim identificar a intertextualidade que há entre as obras e como a condição feminina aparece.

Texto que contribui para a leitura do livro, pensando no período da pandemia e os medos sentidos no período: <https://midianinja.org/laryssasampaio/o-medo-de-sentir-medo-da-chapeuzinho-amarelo-de-chico-buarque/>

4.3 Literatura e diversidade em sala de aula

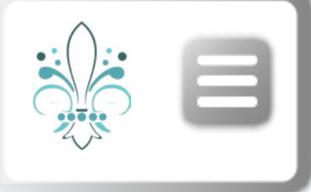
Considerando que a promulgação da Lei 10.639/03 prevê a abordagem de aspectos da cultura e história africana e afro-brasileira, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História, apresentando novos desafios aos profissionais envolvidos com o ensino da Língua Portuguesa e de suas respectivas literaturas na Educação Básica (BRANDILEONE e ALBINO, 2018, p. 177).

Embora alterada pela Lei 11.645, de 2008, que criou a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura dos povos indígenas nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio do país, a Lei 10.639/03 parece não ter saído do papel (BRANDILEONE e ALBINO, 2018, p. 180).



Essas duas citações, extraídas do artigo “Uma proposta metodológica para o letramento literário a partir da Lei 10.639/03: Comandante Hussi, de Jorge Araújo, de Ana Paula Brandileone e Ana Beatriz Albino, evidenciam que há leis criadas em torno da obrigatoriedade de trazer temas de diversidade para a sala de aula, no caso das leis citadas, a questão da cultura afro-brasileira e a cultura dos povos indígenas. Conforme as autoras apesar das leis existirem, elas parecem não ter saído do papel. O que isso quer dizer? Que em sala de aula não é recorrente o trabalho com textos literários que abordem a diversidade proposta pelas leis. Mas as leis devem ser cumpridas e o professor de Língua Portuguesa deve propor atividades que levem essas temáticas para a sala de aula. Quando assim se coloca, dá impressão de que tudo se exige do professor. Em partes é verdade. É necessário que os profissionais da sala de aula tenham cursos, formação continuada. Ainda que isso não aconteça, não é impossível a realização do trabalho com essas temáticas. A Literatura está cheia de diversidade. E muitos textos acadêmicos são escritos abordando essa questão. Deste modo, com uma boa pesquisa nos sites é possível encontrar materiais e ideias para desenvolver os temas, na escola.

Apresenta-se alguns materiais para conhecimento sobre essas duas leis e a produção que contempla a diversidade.



Para saber mais sobre a temática da diversidade e da cultura indígena, veja-se o artigo intitulado “Literatura indígena e letramento literário: uma proposta emancipatória de ensino”, de Nerynei Meira Carneiro Bellini e Flávia de Paula Graciano Nisco.



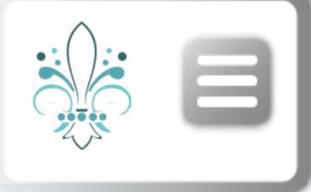
Literatura indígena e letramento literário: uma proposta emancipatória de ensino

Para saber mais sobre a temática da cultura afro-brasileira, veja-se o artigo “Uma proposta metodológica para o letramento literário a partir da *Lei 10.639/03: Comandante Hussi*, de Jorge Araújo, escrito por Ana Paula Brandileone e Ana Beatriz Albino.



Uma proposta metodológica para o letramento literário a partir da *Lei 10.639/03: Comandante Hussi*, de Jorge Araújo

Um dos escritores mais conhecidos e queridos da literatura que traz a cultura indígena é Daniel Munduruku.

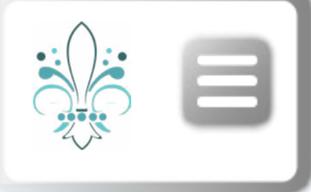


Daniel Munduruku, do povo Munduruku, é nascido em Belém, no Pará. Formado em Filosofia, História e Psicologia, atuou por 10 anos como professor da Pós-Graduação em Antropologia Social, na USP. Escritor e professor, publicou diversas obras, recebeu dois prêmios Jabuti, Menção honrosa na Unesco e Menção de livro altamente recomendável pela FNLIJ. Seus principais livros, são: *Meu avô Apolinário*, *Histórias de índio*, *coisas de índio* e *As serpentes que roubaram a noite*.

Trechos da obra *Meu vô Apolinário*, de Daniel Munduruku:

Já é hora de saber algumas verdades sobre quem você é. Por isso eu o trouxe aqui. Você viu o rio, olhou para as águas. O que eles lhe ensinam? A paciência e a perseverança. Paciência de seguir o próprio caminho de forma constante, sem nunca apressar seu curso; perseverança para ultrapassar todos os obstáculos que surgirem no caminho. Ele sabe aonde quer chegar e sabe que vai chegar, não importa o que tenha que fazer para isso. Ele sabe que o destino dele é unir-se ao grande rio Tapajós, dono de todos os rios. Temos de ser como o rio, meu neto. Temos de ter paciência e coragem. Caminhar lentamente, mas sem parar. Temos de acreditar que somos parte deste rio e que nossa vida vai se juntar a ele quando já tivermos partido desta vida. Temos de acreditar que somos apenas um fio na grande teia da vida, mas um fio importante, sem o qual a teia desmorona (MUNDURUKU, 2005, p. 30- 31).

[...]



Os pássaros são porta-vozes da mãe natureza. Eles sempre nos contam algo. Do futuro ou do presente. O canto do pássaro pode ser um pedido para que você aja com o coração. Sonhar com um pássaro significa que uma presença ancestral está mostrando sua força (MUNDURUKU, 2005, p. 32).

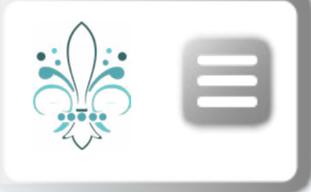
[...]

Quem quiser conhecer todas as coisas tem que perguntar para nosso irmão fogo, pois ele esteve presente na criação do mundo. Ou aos ventos das quatro direções, às águas puras do rio, ou à nossa Mãe Primeira: a terra. [...]. Nosso mundo está vivo. A terra está viva. Os rios, o fogo, o vento, as árvores, os pássaros, os animais e as pedras, estão todos vivos. São todos nossos parentes. Quem destrói a terra destrói a si mesmo. Quem não reverencia a natureza não merece viver (MUNDURUKU 2005 p. 33).

Vídeo: Daniel Munduruku – Culturas Indígenas (2018), em que o escritor conta a sua história e como constrói as obras.



Daniel Munduruku - Culturas indígenas- Itaú Cultural

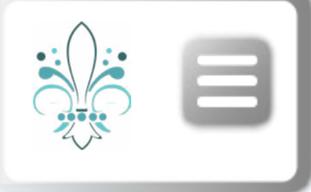


4.4 Romance Juvenil Contemporâneo

Nesta seção considera-se algumas questões acerca do romance juvenil contemporâneo por meio da obra *Amor nos tempos do blog*, de Vinicius Campos, que está entre os livros distribuídos para as escolas por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD-2020, e portanto, encontrado na escola.

O amor nos tempos do blog conta a história de Ariza, um menino de 13 anos que gosta de ler e que na biblioteca se apaixona por uma menina que também frequenta o espaço. Ariza escreve um blog e nele fala dos acontecimentos do cotidiano e de seus sentimentos. No PNLD, o livro está na categoria cultura digital no cotidiano do adolescente; conflitos da adolescência; encontros com a diferença. Algumas temáticas da obra são: relacionamentos familiares, relacionamentos amorosos, redes sociais, temática da diferença etc.

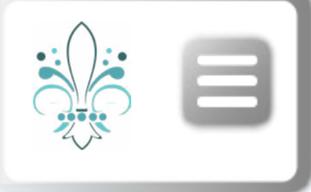
Em relação à estrutura da obra, percebe-se, desde o início do livro, no perfil, uma ruptura com a estrutura tradicional de um romance. Outra questão presente é a hibridização de gêneros. A obra é construída por meio de textos de um blog e comentários de leitores. O romance conta a história a partir desses dois gêneros textuais. A estrutura narrativa é aquilo que os leitores comumente encontram em um blog. Os personagens são conhecidos a partir dos comentários. Os fatos têm uma data precisa.



A identificação do protagonista acontece já no perfil escrito por Ariza, no qual ele coloca informações e temas com os quais os adolescentes se identificam: o signo é um deles. Somente em outro momento do livro, o leitor tem a informação de que Ariza é um menino surdo. Primeiramente tem essa aproximação e somente depois é que se tem essa informação, isso é interessante para desconstruir a questão da surdez como algo estereotipado e incapacitante. O livro aborda o encontro com a diferença. A estrutura do texto já é pensada por meio de diálogos (textos, comentários e respostas aos comentários), o que quer dizer que é necessário saber conviver e conciliar pontos de vistas diferentes.

Outro tema interessante no livro é como ocorrem as relações na cultura do cyberspaço. Mostra a dificuldade na comunicação, personagem complexo, cada um vive os eventos de uma maneira diferente. Do mesmo modo, a intertextualidade consta nesta narrativa, evidente já no título do livro, um diálogo com a obra *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel Garcia Marques. Há, também uma relação com a obra *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, uma vez que esta trata do início das relações amorosas. No caso de *Amor nos tempos do blog* conta como essas relações acontecem na atualidade, *A moreninha* falou desse tema, mas em um outro momento, de uma outra época. O livro também incentiva a leitura de duas obras importantes da literatura: *A moreninha* e *Amor nos tempos do cólera*.

Para conhecer Vinicius Campos, acessar o vídeo:



PNLD 2020 - O autor Vinicius Campos e “O amor nos tempos do blog”

No endereço abaixo, a editora Companhia das Letras disponibilizou um material para que o livro seja trabalhado nas escolas:

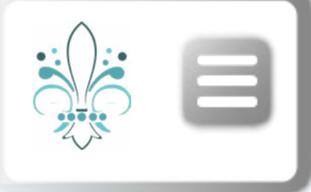


PNLD Literário

Segue uma parte do Capítulo intitulado “Silêncio”, do livro *O Amor nos tempos do blog*, de Vinicius Campos:

Silêncio é costume, necessidade, maneira de viver. Eu não escolhi o silêncio, mas o aceitei e gosto dele. O silêncio está longe de ser algo horrível, pelo menos para mim. O silêncio só me incomoda quando aparece para substituir alguma coisa que deveria estar lá.

Na minha casa houve mais silêncios que o comum durante esta semana. E eu sabia que faltava alguma coisa, por isso me incomodou. Mas não tentei fazer nada para mudá-lo, afinal eu sempre soube que os silêncios que não são naturais explodem em algum momento.



E explodiu. Hoje, quando meu pai chegou do trabalho, veio até meu quarto. Em seguida veio minha mãe. Os dois me disseram que precisávamos conversar. Eles se sentaram na minha cama e me pediram para desligar o computador. Falaram do amor, de casamento, de filhos, de separação.

Foi a minha vez de ficar em silêncio. Um silêncio de quem não sabe o que dizer. Um silêncio que não é de surpresa. Era como se eu já soubesse que aquilo ia acontecer e, por mais que dissessem que nada mudaria, eu sentia que nada seria igual. Nessa mesma noite, do alto da escada, vi quando meu pai deu um forte abraço na minha mãe e foi embora carregando uma mala. Minha mãe e eu ficamos em casa e, com a gente, um silêncio inédito. Um silêncio que, pela primeira vez, foi de dor.

Acho que o que mais me dói é pensar que talvez os amores verdadeiros e que são para toda a vida, como o amor de Ariza e Fermina em *O amor nos tempos do cólera*, só existam nos livros. Mas não vou perder minhas esperanças, afinal o que mais quero é poder viver um amor de verdade (CAMPOS, 2012, p. 17-18).



4.5 A Poesia em sala de aula

“A poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados: é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito.”

(Murilo Mendes apud Hélder Pinheiro, 2018)

De todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula. Pesquisas mais antigas e recentes apontam sempre certo distanciamento entre o leitor escolar e o gênero lírico (PINHEIRO, 2018, p. 11).

A leitura do texto poético tem peculiaridades e carece de mais cuidados do que o texto em prosa. Porém, muitas das condições apontadas como essenciais para a leitura de poesia são também indispensáveis para o ato de leitura literária em geral. Não se trata de valorizar mais este ou aquele gênero literário. Trata-se de estar atento a procedimentos e cuidados específicos que convêm a cada gênero. Tendo em vista que a poesia é, entre os gêneros literários, dos mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada (PINHEIRO, 2018, p. 21).

Os excertos acima foram extraídos de uma obra clássica para o ensino de poesia no Brasil, o livro *Poesia na sala de aula*, escrito por Hélder Pinheiro. O livro é bastante conhecido quando se trata do gênero lírico em sala de aula. Professor Helder Pinheiro é o maior pesquisador sobre o tema. Para conhecer um pouco mais sobre o assunto, segue uma aula de Hélder Pinheiro.



Poesia na sala de aula (minicurso - aula 1)

5. Estratégias de Leitura

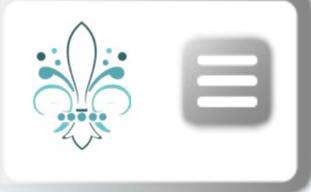
Em livro intitulado *Estratégias de leitura* (1998), Isabel Solé faz uma reflexão sobre leitura, mas mais interessante que isso, ela aponta estratégias de leitura que considera fundamental para que a leitura do texto literário se consolide na escola. Segundo Solé (1998), o hábito e o gosto pela leitura é algo que se constrói. Nenhum leitor nasce com esse costume, há uma variedade de acontecimentos, que vão da família à sociedade, passando pela escola, que torna a literatura algo do cotidiano.

No livro, Solé (1998) apresenta as estratégias de leitura como: “[...] procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança” (SOLÉ, 1998, p. 69-70). Para a autora, as estratégias são desenvolvidas em três momentos: antes da leitura, durante a leitura e após a leitura.

Para saber mais sobre as Estratégias de Leitura, de Isabel Solé, ler o texto:



Estratégias de Leitura, de Isabel Solé



Abaixo, segue um Roteiro Literário, construído a partir das *Estratégias de leitura*, de Isabel Solé. Esse roteiro mostra o antes, o durante e o depois da leitura.

ROTEIRO LITERÁRIO¹

Disciplina Literatura e Ensino
Prof.^a Alzira Fabiana de Christo

Mediadora: Camilla Dominiqueli

Tempo estimado: 6 h/a

Obras selecionadas: *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque e *O grito*, de Edvard Munch

Grupos de alunos: 8º e 9º anos

1º Momento:

Vocês gostam de ler?

O que vocês costumam ler?

Existe algum gênero (romance, aventura, mistério, entre outros) que os interessa mais ou os causa curiosidade para conhecer?

Vocês leram algo por prazer, este ano? Essa leitura os impactou?

¹ Baseado no modelo compartilhado pela professora Dra. Daniela Segabinazi, no projeto coordenado por ela “Cultura Literária na Escola”



2º Momento:

A obra *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque será trabalhada e discutida nesse momento.

Antes da Leitura:

Qual é o medo que paralisa?

O que imagina que a história vai narrar?

Pelo título, esse livro lembra alguma outra história? Qual? Quando leu?

Durante a Leitura:

Ler a obra em voz alta e mostrar as ilustrações para todos da turma, sem pressa. Explicar a eles que durante a leitura é importante não fazerem comentários, ao menos não muito longos. Perguntas e comentários poderão ser feitos após a leitura.

Depois da Leitura

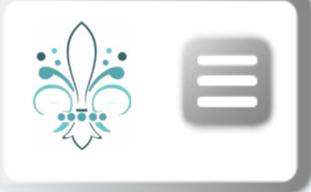
Gostaram da leitura?

E as hipóteses que levantaram no começo? A história dessa chapeuzinho foi parecida com o que imaginaram ou diferente?

Vocês já deixaram de fazer alguma coisa por medo?

Vocês já tiveram algum medo que foi superado? Se sim, como foi o processo?

Vocês tem alguma história em que enfrentaram o medo?



Além de conversar sobre a temática, o mediador deve analisar a obra com a colaboração dos alunos, a linguagem, as ilustrações etc. É importante que os sentidos do texto sejam construídos coletivamente.

Posteriormente, deve ser apresentada aos alunos a obra *O grito*, de Edvard Munch. Trabalhar a análise da obra e relacionar com o desespero. (Lembrar também que o protagonista das aulas sempre será o texto literário. Outras obras de arte podem aparecer, mas uma das funções do professor mediador é ensinar a leitura técnica do texto de Literatura)

Após, solicitar que os alunos escrevam seus cinco principais medos em uma folha de papel. Em seguida, solicitar que subvertam a ordem das letras na palavra e criem possibilidades com as palavras originais. Podem passar as folhas a outros colegas para que eles façam o mesmo. Importante que as palavras circulem pelo menos para três alunos. Depois disso, eles compartilhar o resultado com a turma.

A próxima atividade, consiste na criação de um chapéu (durante a análise do livro o mediador destaca que após se apropriar do objeto chapéu, a menina muda de postura). Os alunos devem desenhar um chapéu, pintar, usar colagens, materiais variados etc. Devem compartilhar a produção com os colegas, explicar o que pensaram ao criar o desenho, podem dar um nome ao chapéu do desenho. Após isso, devem organizar uma exposição com os chapéus e as palavras reescritas, em um lugar apropriado da escola.

Referências

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. José Olympio, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Referências

BOJUNGA, Lygia. **Livro - a troca**. Disponível em: <https://casalygiabojunga.com.br/livro-a-troca-2/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BELLINI, Nerynei Meira Carneiro; NISCO, Flávia de Paula Graciano "Literatura indígena e letramento literário: uma proposta emancipatória de ensino. In: BRANDILEONE, Ana Paula; OLIVEIRA, Vanderleia (Orgs). **Literatura na escola**: contextos e práticas em sala de aula. Campinas: Pontes, 2018.

BRANDILEONE, Ana Paula; ALBINO, Ana Beatriz. "Uma proposta metodológica para o letramento literário a partir da **Lei 10.639/03: Comandante Hussi**, de Jorge Araújo. In: BRANDILEONE, Ana Paula; OLIVEIRA, Vanderleia (Orgs). **Literatura na escola**: contextos e práticas em sala de aula. Campinas: Pontes, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Ministério da Educação, Brasília, 2018.

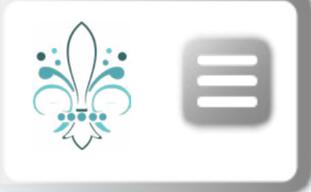
BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. José Olympio, 2006.

CAMPOS, Vinicius. **O amor nos tempos do blog**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DIAS, Ana Crélia. **Literatura e educação literária**: quando a literatura faz sentido(s). *Revista Cercados*, Brasília, v. 25, n. 42, p. 210-228, 2016.

IPIRANGA, Sarah. **O papel da literatura na BNCC**: ensino, leitor, leitura e escola. *Revista de Letras* - n. 38, v. (1) - jan./jun. - 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário**: um mergulho no rio da (minha) memória. Studi Nobel, 2001.



NETO, Miguel Sanches. **Chove sobre minha infância**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

NETO, Miguel Sanches. **Venho de um país obscuro**. Travessa dos Editores: 2005.

NETO, Miguel Sanches. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PINHEIRO. Helder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

SILVA, Marcia Cabral da. "A leitura literária como experiência". In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (ORGs). *Leitura de literatura na escola* São Paulo: Parábola, 2013.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZANCHET, Maria Beatriz; FORTES, Rita Félix; LOTTERMAN, Clarice. **Tradição, estética e palavra na literatura infanto-juvenil**. Cascavel: Gráfica da Unioeste, 1996.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Literatura e Ensino – Alzira Fabiana de Christo

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador Geral UAB

Cláudia Maris Tullio
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD

Denise Cristina Holzer
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisão

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Volkan Vardar/Pexels
Capa

Aneeque Ahmed /Nounproject
Hafiudin/Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones